

# O PONTO COMO GESTO DE DEMARCAÇÃO PERCEPTIVA: PERCURSOS ONTOLÓGICOS, SEMIÓTICOS E FORMATIVOS NAS ARTES GRÁFICO-VISUAIS

Nicolas Barbosa Fedrizzi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Associado/a/e ANPAP: não

## RESUMO

Esta pesquisa investiga o "ponto" como operador perceptivo, semiótico e formativo, articulando fundamentos teóricos e práticas educativas no âmbito das artes gráfico-visuais. Adota uma abordagem transdisciplinar que integra a semiótica de Charles S. Peirce, a fenomenologia da percepção e a biossemiótica, compreendendo o ponto como unidade mínima de diferenciação e estruturação do sensível. A investigação envolve oficinas com estudantes da educação básica, explorando técnicas como pixel art e crochê para investigar o ponto enquanto elemento criativo, cognitivo e estruturador. Os resultados apontam para a relevância estética, pedagógica e conceitual do ponto, evidenciando sua centralidade nos processos de geração da forma, produção de sentido e constituição da percepção.

## PALAVRAS-CHAVE

Ponto. Percepção. Semiótica. Formação Estética. Artes Gráfico-Visuais.

## Introdução

Esta pesquisa integra o projeto *As artes gráfico-visuais como um percurso formativo possível na arte e na educação*, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Mastroberti, investigando metodologias voltadas à produção e ao ensino das artes gráfico-visuais. O presente estudo concentra-se na análise do conceito de "ponto", explorando suas dimensões estéticas, perceptivas e pedagógicas.

O "ponto" é comumente compreendido como elemento gráfico ou unidade geométrica mínima. Contudo, tal definição revela-se insuficiente frente à multiplicidade de funções que o "ponto" assume em distintos sistemas simbólicos. Como operador de ritmo, marcador de diferença, índice de orientação ou vetor de percepção, participa ativamente da organização do sensível e da constituição de trajetos significativos na experiência estética.

Esta investigação propõe analisar o ponto como operador perceptivo, semiótico e ontológico, examinando sua atuação na constituição de percursos visuais e formativos, bem como seu potencial pedagógico nas práticas de arte-educação. A abordagem metodológica articula referências transdisciplinares: semiótica de Charles S. Peirce, fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 2018; HUSSERL, 2012), biossemiótica de Jakob von Uexküll e estudos sobre cognição.

O estudo inclui oficinas com estudantes da educação básica, nas quais técnicas como pixel art e crochê são empregadas para explorar o "ponto" enquanto elemento criativo e estruturador, com colaboração da bolsista voluntária Camila Chaves.

## 1. O ponto: ontologia, função e operações.

### 1.1 O conceito de ponto e suas articulações em diferentes sistemas

As tentativas de delimitar o "ponto" como conceito tendem a fragmentá-lo. Presente em campos variados, atua como unidade fundadora, demarcadora, orientadora ou transformadora. Questionar sua natureza não é curiosidade banal, mas investigação ontológica sobre como algo aparentemente tão diminuto estrutura nossa forma de perceber, organizar e significar o mundo.

Sua manifestação mais imediata é gráfica — uma marca mínima sobre uma superfície. Kandinsky (2015) reconhece nesse sinal uma dimensão inaugural, considerando-o origem de toda criação plástica. Para ele, o ponto é centro de energia, capaz de gerar movimento e expandir-se em direções variadas, como semente de formas maiores. Sua organização e multiplicação engendram linhas, planos e volumes, constituindo a base compositiva da linguagem visual.

A Gestalt recusa a compreensão do "ponto" como entidade isolada, inserindo-o numa totalidade perceptiva funcional. A percepção visual é regida por princípios estruturais — proximidade, continuidade, fechamento e figura-fundo (WERTHEIMER, 1923; KOFFKA, 1935). Em experimentos com pontos sobre fundos homogêneos, Wertheimer demonstrou que esses elementos não são percebidos atomisticamente, mas como figuras organizadas, evidenciando que o ponto não apenas origina formas, mas é vetor de estruturação perceptiva.

O "ponto" também opera como elemento relacional em outros sistemas semióticos: na escrita, como sinal gráfico modulando discurso e sentido; na costura, conectando superfícies; na matemática, como fundamento axiomático. Sua recorrência em sistemas distintos sugere que sua definição não se fundamenta em substância universal, mas em função relacional. O ponto não possui essência fixa, mas atua conforme sua configuração operacional.

### 1.2 O ponto como princípio de demarcação

O "ponto" manifesta-se elementarmente no gesto de apontar. Ambos derivam do latim *punctum* ("marca", "picada") e *pungere* ("perfurar"), raízes indicando operação de inscrição diferencial. Michael Tomasello (2008) indica que esse gesto é fundamental para a construção da intersubjetividade, possibilitando a criação de foco de atenção entre indivíduos.

Estudos de Charles R. Gallistel (1990) demonstram que sistemas cognitivos utilizam estruturas organizadas pela codificação métrica e topológica do ambiente, definida pela configuração entre superfícies e marcadores pontuais. A espacialidade percebida é construção inferencial fundamentada em pontos e suas relações.

Na semiótica de Peirce, esse ato pode ser interpretado como operação de signo indexical, onde o ponto funciona como índice estabelecendo relação direta entre sujeito que aponta e objeto destacado. O ponto, enquanto signo, é entidade dinâmica: representa um objeto (fragmento do mundo indicado), remete a interpretante (interpretação do interlocutor) e é mediado por signo materializado no gesto.

Essa operação organiza o sentido ao isolar elementos do ambiente, tornando o ponto uma instância fundamental na estrutura da experiência perceptiva, geométrica e semiótica. Por isso, o ponto não deve ser visto como unidade mínima universal, mas como a menor unidade significativa dentro de um sistema.

Essa propriedade relacional sustenta a própria percepção. A experiência do mundo depende da capacidade de demarcar, destacar e organizar porções do ambiente. O ponto, nesse

sentido, é operador epistemológico: modela o espaço, organiza o sentido e articula a relação entre sujeito e mundo.

## **2. O ponto como organizador da experiência sensível**

Se o ponto pode ser compreendido como operador de distinção e o gesto de apontar como manifestação de sua instauração, isso nos permite problematizar a noção de realidade subjacente a essas operações. A suposição de que percebemos o mundo tal como ele é ancora-se em ontologia essencialista que se mostra insustentável diante das dinâmicas cognitivas dos organismos.

François Jacob (2022) argumentava que a consciência humana opera como véu que recobre e simplifica a realidade, tornando-a suportável à experiência. Essa filtragem possui fundamento neurobiológico: o alto custo energético da cognição exige estratégias de recorte que convertem campo virtualmente infinito de estímulos em repertório manejável. A percepção, longe de ser espelho passivo do mundo, opera como mecanismo ativo de distinção, regido por economias informacionais e dispositivos adaptativos. Esta perspectiva converge com o conceito de Umwelt, introduzido por Jakob von Uexküll, precursor da biossemiótica, ao descrever como cada organismo constitui sua própria realidade perceptiva a partir de limites sensoriais e cognitivos (UEXKÜLL, 1926). Nessa concepção, o ambiente é continuamente filtrado, interpretado e estruturado segundo as disposições perceptivas e necessidades biológicas de cada ser.

A realidade percebida por um organismo não é dado prévio e independente da percepção, mas resulta de modelagem ativa do campo sensível. Em vez de formas e objetos já constituídos, o que existe inicialmente é um contínuo de intensidades — denominado aqui “fluxo pré-perceptivo” — que antecede qualquer organização perceptiva. Esse fluxo representa um campo indiferenciado de virtualidades, ainda não atualizadas em formas distintas. Apenas quando um organismo entra em relação com esse plano, certos aspectos são destacados e organizados conforme suas disposições perceptivas, originando o fluxo sensorial e, com ele, a experiência perceptiva. A radiação ultravioleta, invisível aos humanos mas perceptível a aves e insetos, exemplifica como diferentes sistemas perceptivos atualizam seletivamente esse campo segundo seus Umwelt.

Esse processo opera por pontuação: formas são destacadas, padrões identificados, diferenças demarcadas. A experiência perceptiva é, portanto, instauração contínua de mundo a partir da potência ainda informe do real, por meio de pontuações que estruturam o sensível e tornam visível o que, em si, não possui forma.

Para ilustrar: suponha uma tela perfeitamente homogênea em cor e textura. Aplique nela um ponto branco idêntico em tonalidade: o ponto permanece invisível porque não há descontinuidade no campo perceptivo. Agora, aplique um ponto preto da mesma forma: a diferença cromática rompe a homogeneidade, criando elemento destacado.

Sem pontos, não haveria percepção — pois perceber é estabelecer focos de atenção, distinguir elementos do pano de fundo e estruturar o fluxo pré-perceptivo. O ponto é, assim, mecanismo fundamental da percepção, base sobre a qual organizamos a experiência do mundo.

### **3. A potência educacional do ponto nas artes gráfico-visuais**

A realização das oficinas na EMEF Jean Piaget, em Porto Alegre, em parceria com a Sala de Inclusão e Recursos (SIR), permitiu observar empiricamente a potência formativa do ponto como operador simbólico e pedagógico. Duas oficinas — pixel art e crochê — apresentaram o conceito enquanto unidade de demarcação e estruturação, acompanhadas por Aline Russo, pedagoga e pesquisadora em inclusão.

A oficina de pixel art, com apresentação interativa sobre o conceito em diferentes sistemas, revelou receptividade dos estudantes e capacidade compositiva nas atividades práticas. As técnicas tornaram explícita a função estruturante do ponto, permitindo experimentar a transformação de unidades mínimas em figuras e padrões significativos.

A oficina de crochê evidenciou dimensão não apenas visual, mas tátil. Ao converter fios dispersos em tramas coesas, o ponto operou como mediação entre gesto, matéria e forma. A exigência de coordenação motora fina e atenção rítmica ativou modos distintos de relação com tempo, corpo e espaço.

Formulário aplicado previamente forneceu subsídios para compreender o universo simbólico dos participantes. A diversidade de interpretações sobre o que é ponto evidencia que o conceito é mobilizado como operador multifuncional: marca gráfica, elemento lúdico, ponto de vista.

As oficinas configuraram-se como experiências de pontuação do sensível, onde estudantes foram convidados a perceber, operar e significar o ponto em sua concretude. Trabalhar com pontos implica explorar estruturas fundadas em relações e variações. Os estudantes vivenciaram composições organizadas em campos dinâmicos, onde alteração de um ponto transformava a totalidade, tornando visível o caráter relacional, emergente e não linear da produção visual.

### **Considerações finais**

Nas atividades propostas, os estudantes vivenciaram composições organizadas não por sequências fixas, mas por campos dinâmicos, em que a simples alteração de um ponto transformava o todo. Essa prática evidencia o caráter relacional, emergente e não linear da produção visual, deslocando o olhar da forma finalizada para os processos que a constituem.

Tais experiências confirmam a eficácia do ponto como operador formativo. Acionado em diferentes suportes e linguagens, ele articula percepção, pensamento e ação. Mais que recurso técnico ou compositivo, o ponto manifesta-se como gesto epistemológico e estético: forma de instaurar sentido e organizar o sensível. Educar a partir do ponto é educar para a atenção e para o gesto inaugural que distingue e articula sensação, linguagem e forma. Percepção, pensamento e prática artística emergem de sistemas complexos, nos quais o ponto atua como elemento basal, mas não exclusivo.

Formar pelo ponto implica deslocar o foco da imagem acabada para a estrutura de sua emergência, valorizando processos, relações e dinâmicas perceptivas. É formar para uma percepção crítica, sensível ao gesto e à complexidade das articulações entre sensação, linguagem e forma.

## Referências

GALLISTEL, C R. *The Organization of Learning*. Mit Press, 1900.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. Editora Ideias e Letras, 2012.

JACOB, François. *The logic of life: a history of heredity*. Tradução e introdução de Matthew Cobb. Princeton: Princeton University Press, 2022. (Princeton Science Library, 62).

KANDINSKY, Wassily. *Do Espiritual na Arte*. Martins Fontes. 2015.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto, Linha e Plano*. Martins Fontes. 2012.

KOFFKA, Kurt. *Principles of Gestalt Psychology*. London: Lund Humphries, 1935.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia Da Percepção*. São Paulo. Wmf Martins Fontes, 2018.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2020

TOMASSELO, Michael. *Origins of Human Communication*. Cambridge, Mass., Mit Press, 2008.

UEXKÜLL, Jakob von. *Theoretical Biology*. Traduzido por D. L. Mackinnon. London: Kegan Paul, 1926.

WERTHEIMER, Max. Leis de organização das formas perceptuais. 1923.